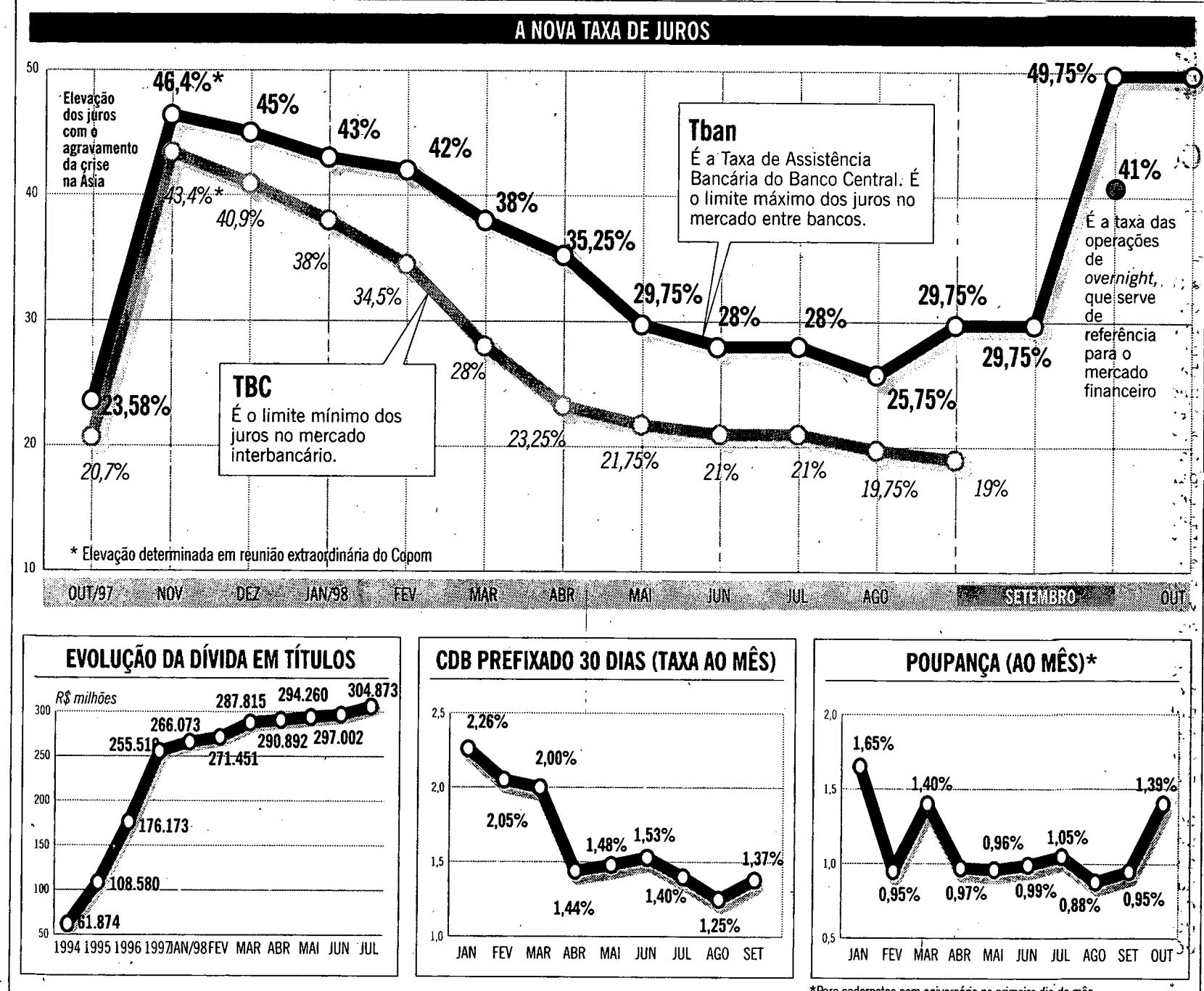


**MERCADOS EM CRISE: Nas operações do 'overnight', o BC puxou a taxa para 41%**

Editoria de Arte



# Reunião do Copom mantém as taxas de juros inalteradas em até 49,75% ao ano

Economistas dizem que decisão tem por objetivo estimular aprovação das reformas

• BRASÍLIA. O Banco Central confirmou as expectativas dos analistas do mercado financeiro e manteve inalteradas as taxas básicas de juros da economia. Apesar de quase quatro horas de reunião, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) decidiu manter a TBC em 19% ao ano e a TBAN em 49,75% ao ano. O presidente do BC, Gustavo Franco, chegou de Washington momentos antes da reunião para coordenar as discussões. Na avaliação dos economistas, o que pesou na decisão do BC foi o fato de o cenário internacional ainda estar muito instável, o que não justificaria uma queda nos juros neste momento. Uma redução a partir de agora, acreditam, está diretamente relacionada com o ajuste nas contas públicas e o apoio financeiro internacional.

— O Governo só vai reduzir os juros quando conseguir fechar o pacote com medidas para equilibrar as contas públicas e receber apoio de organismos internacionais. Feito isso, a queda pode até ser rápida — afirma o economista do Lloyds, Adauto Lima.

### Manter taxas é uma forma de pressionar o Congresso

Para o economista-chefe do Banco Pontual, Carlos Guzzo, ao decidir não mexer nas taxas de juros, o Governo demonstrou que está cauteloso diante da situação externa e, por isso, prefere não mexer com as expectativas do mercado. Segundo ele, uma redução na Tban, uma das possibilidades

discutidas no mercado, poderia mostrar excesso de confiança do Governo no ajuste fiscal e na ajuda externa.

— Reduzir a Tban neste momento seria um sinal prévio de certezas que o Governo tem mas o mercado, não. O Governo já está traçando o ajuste fiscal a ser feito e negocia ajuda externa, entretanto não se sabe como o mercado reagirá quando a equipe econômica anunciar as medidas. Por isso, foi acertada a decisão de manter inalteradas as taxas — avalia Guzzo.

Segundo o economista, o Governo deverá primeiro aguardar a reação do mercado financeiro ao ajuste fiscal para somente depois mexer nos juros.

— Seria um erro reduzir os juros agora. Não tem nada que indique uma tendência de queda neste momento. O BC, diante do cenário externo delicado, só pode agir nesse sentido quando tiver fatos concretos — avalia o ex-presidente do Banco Central Gustavo Loyola.

Para ele, se o Governo mostrar disposição e capacidade para promover um ajuste sério das contas públicas com apoio do Congresso Nacional e ainda conseguir garantir uma ajuda de organismos internacionais, será possível começar o ano de 1999 com as taxas de juros no mesmo patamar registrado antes da crise: 19% ao ano.

O essencial, para isso, é mostrar medidas consistentes que garantam um superávit nas contas

públicas no ano que vem. Dessa forma, o país poderia recuperar a credibilidade perante os investidores e diminuir a volatilidade dos capitais externos.

Segundo o economista-chefe do Banco Santander, Dany Rappaport, ao aumentar a Tban, taxa que funciona como teto dos juros, de 29,75% ao ano para 49,75% ao ano no início do mês passado, o Governo estabeleceu uma margem de manobra maior justamente para garantir uma flutuação dos juros nos momentos de pico da crise. Até agora, o mercado não operou no limite dessa banda. Ontem, nas operações do overnight, o BC operou com taxa de 41%. Entretanto, diz Rappaport, isso não significa que novos sinais de instabilidade externa não possam forçar uma alta dos juros. Como o Brasil não está livre de passar por momentos mais complicados por causa da situação externa, não haveria razão para o BC mexer nos juros.

### Governo poderia mexer nos juros sem nova reunião

— A crise continua tão grave quanto nas últimas semanas. O pior ainda não passou. O Governo, ao elevar a Tban, criou uma margem de manobra importante para mostrar que os juros podem ser tão altos quanto for necessário para defender a moeda. Por isso, não era hora de reduzir esse espaço — justifica Rappaport.

Por outro lado, segundo os próprios técnicos da equipe econômica do Governo, manter os ju-

ros elevados também é uma forma de o Governo pressionar o Congresso Nacional, os próprios ministros e também estados e municípios a promoverem um ajuste fiscal rigoroso o mais rapidamente possível.

— Baixar os juros seria uma forma de assumir que a sua situação está melhor, o que não é verdade. Há uma necessidade de ter um mecanismo de ajuste fiscal para evitar que a crise comprometa a estabilidade da economia e também se alastre pelos países vizinhos. Só depois disso pode-se pensar em queda de juros — afirma um técnico do Governo.

Para o economista-chefe do Citibank, Carlos Kawall, o fato de o Copom não ter reduzido os juros não significa que as taxas não podem cair ao longo deste mês, já que a taxa que passou a ser referência para o mercado não é mais a TBC — que funcionava como piso dos juros — mas sim, a taxa aplicada diariamente nas operações do Governo no overnight, que está em 41% ao ano. Na verdade, essa é a taxa que o mercado toma como base para saber em que nível estão os juros. É a Taxa Selic, que remunera os títulos públicos.

— Dentro do intervalo fixado, o Governo pode perfeitamente mudar as taxas de juros quando achar conveniente sem que precise fazer nova reunião. Então, se ele tem esse espaço de manobra, porque alterar num momento delicado? — disse Kawall. ■